

ASPECTOS SINCRÔNICOS E DIACRÔNICOS DO IMPERATIVO GRAMATICAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria Marta Pereira SCHERRE¹

- RESUMO: Este texto apresenta o fato gerador dos estudos variacionistas sobre a expressão gramatical do imperativo no português brasileiro, traça as dimensões geográficas deste fenômeno variável, discute a relação entre as formas gramaticais imperativas e outras formas verbais portuguesas e latinas e sintetiza tendências da variação e da mudança do imperativo no português brasileiro.
- PALAVRAS-CHAVE: Variação lingüística; imperativo gramatical; português brasileiro; imperativo latino; alternância tu/você.

Contextualização da pesquisa

Meu interesse sobre o entendimento do uso variável do imperativo gramatical em português (*deixa vs. deixe; recebe vs. receba; abre vs. abra; dá vs. dê; diz vs. diga; vai vs. vá*) decorreu de um dever de casa de uma estudante da 5ª série do antigo primeiro grau (atual ensino fundamental) de uma escola particular de Brasília em 1992. O referido dever teve como base o exercício de número 17, da *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, de Domingos Paschoal Cegalla, 34ª edição, de 1991, à página 184, a seguir transcrito, com negritos adicionados nos pontos de maior interesse para a contextualização da pesquisa que naquele momento se iniciou; que cresceu nas salas de aula da Universidade de Brasília (UnB) com a participação efetiva de um grande número de alunos dos cursos de graduação e pós-graduação;² que tomou corpo com uma pesquisa pessoal em

¹ UnB – Instituto de Letras (IL) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) – 70292-100 – Brasília – DF – Brasil – mscherre@terra.com.br

² Segue em ordem alfabética a relação dos trabalhos produzidos pelos alunos da UnB até 2002, quase todos inéditos: Abreu (2003); Abreu; Belo; Franco; Santos (2001); Amoroso (2000); Aparecida e Silva (2002); Araújo (2000); Barcelos e Marques (2000); Campos (2001); Dias (1996); Dias (2000); Ferreira e Alves (2001); Fonseca (2003); Freitas (1994); Gomes; Amorim; Santos; Bezerra (2002); Jesus e Oliveira (1995); Leite (1994); Mattos e Wickert (2003); Morais (1994); Moreira (2000); Rodrigues (1993); Silva (2002); Silva (2003); Romero e Matos (2000); Sousa (2000); Sousa (2001); Trajano e Romero (2001).

parceria com colegas alunos e professores,³ que se enriqueceu com a pesquisa de mestrandos e doutorandos sob minha orientação;⁴ e se agigantou com a pesquisa de alunos de graduação, de mestrado, de doutorado e de professores de outras instituições,⁵ como teremos oportunidade de evidenciar ao longo deste texto.

Eis o referido exercício:

17. Passe para a 2ª pessoa do singular ou do plural, conforme o caso:
 - 1) **Divide** e sê vencedor.
 - 2) Não esqueçais o passado nem vos afeiçoeis demais ao presente.
 - 3) **Recebe** com alegria os amigos que te visitam.
 - 4) **Abri** as portas à esperança, não deixeis entrar o desânimo.
 - 5) Não magoes nunca nem entristeças tua mãe.
 - 6) Queremos que participeis de nossa alegria: entrai e comei!
 - 7) **Freqüenta** os bons e serás bom; convive com os maus, serás como eles.

Ao tentar resolver o exercício acima, a estudante buscou meu auxílio, explicando com desenvoltura que tinha entendido a explicação da professora a respeito da formação do imperativo: o imperativo afirmativo de *tu* e de *vós* vem do indicativo sem o *-s*; as outras formas vêm do subjuntivo, repetia ela. Mesmo assim, a estudante não conseguia entender o significado das frases do exercício solicitado (convido o leitor a resolver o exercício, em especial o item 4). Naquela época, eu lhe dissera que ela não conseguira entender o dever de casa porque as frases do exercício eram muito antigas – fora este o meu sentimento à época. Detalhes à parte a respeito de uma conversa com a escola sobre a propriedade do dever de casa com base no referido exercício, este fato despertou meu interesse pela análise da expressão gramatical do imperativo.

Buscando dados na minha intuição, percebi que se tratava de fenômeno instigante: sou mineira, só tenho o pronome *você* na minha fala, contexto de registro tradicional de formas como *deixe/receba/abra/dê/diga/vá* (formas denominadas auxiliares ou supletivas), mas me pareceu que eu tenderia a usar *deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*, formas imperativas tradicionalmente associadas ao contexto de uso do pronome *tu* (classificadas como próprias). Em verdade,

³ Ver Scherre; Dias; Freitas; Jesus; Oliveira (1998, 2000a); Scherre; Dias; Freitas; Jesus; Oliveira; Damasceno (2000b); Scherre (2004, 2005, 2007); Scherre; Cardoso; Lunguinho; Salles (2007); e Andrade; Melo; Scherre (2007).

⁴ Ver Cardoso (2004, 2006, 2007), Lima (2005) e Jesus (2006).

⁵ Trabalhos em outras instituições: Universidade Federal do Rio de Janeiro (Paredes Silva, et al, 2000); Universidade Federal da Bahia (Sampaio, 2001, 2004); Universidade Federal da Paraíba (Alves, 2001); Universidade Federal de Santa Catarina (Reis, 2003); Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara (Borges, 2004); Faculdade Jorge Amado em Salvador (Alves e Alves, 2005); Universidade de São Paulo (Lima Hernandez et al, 2006).

eu não conseguia ver com clareza como se dava a alternância entre as duas possibilidades de expressão do imperativo em referência à segunda pessoa do singular (*deixa vs. deixe; recebe vs. receba; abre vs. abra; dá vs. dê; diz vs. diga; vai vs. vá*) que, em função das características dos falares mineiros, não pode ter correlação com o pronome *tu*: pelas pesquisas de que tenho conhecimento, o pronome *tu* não ocorre em Minas Gerais (RAMOS, 1997; COELHO, 1999). Considerarei, portanto, oportuno levar a questão para a sala de aula e, para mim e meus alunos, a pesquisa sobre o tema começou.

Depois de uma série de pesquisas realizadas, fica claro hoje que a questão central do exercício 17 de Cegalla (1991, p.184) é a descontextualização das construções imperativas, isoladas de sua estrutura dialógica, sem âncoras discursivas (vocativos, balões, rimas, ícones etc.). Esse fato provocou ambigüidade em algumas construções, entre as quais se destacam as de número 1, 3, 4 e 7 do exercício em questão, especialmente a de número 4, que se aplica a todo e qualquer verbo regular da terceira conjugação. Neste caso, a primeira interpretação (e a mais provável) da forma verbal *abri* é de primeira pessoa do singular (*eu abri*), denotando uma leitura assertiva, e não uma leitura imperativa de segunda pessoa do plural (*abri vós*), como o exercício pressupunha. Bechara (1999, p.237) já registra que “para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambigüidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3ª, da antiga desinência *-ide* por *-i*” e usam estruturas do tipo *Abride a porta*.

Em síntese, a configuração gramatical imperativa de segunda pessoa do singular (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) – considerada própria ou verdadeira (ao lado da forma imperativa de segunda pessoa plural) porque remonta à forma imperativa latina, hoje associada à forma indicativa sem o *-s* final – apresenta risco de perder sua leitura imperativa se descontextualizada, ou seja, se estiver fora da estrutura dialógica, sem âncora discursiva, como é o caso do exercício 17 de Cegalla (1991, p. 184). Foi este dever de casa (não muito apropriado na sua forma) que, todavia, desencadeou reflexões ricas a respeito de uma área da língua portuguesa ainda inexplorada da perspectiva da teoria da variação linguística laboviana, nos termos de teóricos e metodológicos de Weinreich, Labov e Herzog (1968), Labov (1975), Sankoff (1988a; 1988b) e Pintzuk (1988). Estudos pioneiros sobre o tema, ainda sem proceder a uma análise quantitativa das variáveis linguísticas e não-linguísticas subjacentes a esse fenômeno variável, foram criteriosamente feitos por Faraco (1982) e Menon (1984).

Ao final deste texto, volto ao dever de casa motivador da rica pesquisa sobre o imperativo. Antes, meu objetivo é apresentar um pouco do estado da arte das pesquisas variacionistas sobre a expressão gramatical do imperativo de que tenho conhecimento; e um pouco de algumas reflexões que tenho feito sobre o tema, aguçadas pelos trabalhos de muitas cabeças a meu redor.

Mapeamento da expressão variável do imperativo na fala espontânea das décadas de 70 a 90 do século XX

Vamos apresentar a seguir dois grandes blocos de pesquisas. O primeiro bloco revela, predominantemente, formas imperativas do tipo *deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*, enquanto o segundo, formas imperativas do tipo *deixe/receba/abra/dê/diga/vá*. Todos os percentuais relacionados nos dois blocos devem ser lidos em relação às formas *deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*.

Assim, pesquisas com dados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, listadas a seguir, revelam, à exceção da cidade de Lages no interior de Santa Catarina, predomínio da forma imperativa do tipo *deixa/recebe/abre/dá/diz/vai* – HOJE ASSOCIADA À FORMA INDICATIVA – em diálogos espontâneos, sem relação de distribuição complementar com o contexto de uso do pronome *tu* ou do pronome *você*:

- 1) 95% a 98% na fala espontânea de Brasília – região Centro-Oeste –, área de predominância do pronome *você* (SCHERRE *et al*, 1998; RODRIGUES, 1993) em alternância com o pronome *tu* sem morfologia verbal explícita, ou seja, *tu* sem concordância, em especial na fala dos mais jovens (DIAS, 2007; LUCCA, 2005): dados do final da década de 90.
- 2) 92% na fala formal e informal de Brasília – região Centro-Oeste –, em contexto de predominância do pronome *você*: dados da década de 90 (SILVA, 2003);
- 3) 100% na fala espontânea do município de Goianésia – região Centro-Oeste, a 180 km de Brasília –, área de uso exclusivo do pronome *você*: dados do final da década de 90 (FERREIRA; ALVES, 2001, p.8-10);
- 4) 94% na fala espontânea de Campo Grande – região Centro-Oeste –, área de uso exclusivo do pronome *você*: dados do final da década de 90 (LIMA, 2005, p.12,54);
- 5) 98% na fala espontânea do Rio de Janeiro – região Sudeste –, área de alternância entre os pronomes *você/tu* e *tu/você* (PAREDES SILVA, 2003), sem concordância com o pronome *tu*: diálogos de mãe-filho da década de 80 (MORAIS, 1994, p.12);
- 6) 94% na fala do Rio de Janeiro – região Sudeste –, área de alternância dos pronomes *você/tu* e *tu/você*, sem concordância com o pronome *tu*: dados do projeto Norma Urbana Culta (NURC) e do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) da década de 90 (SAMPAIO, 2001, p.61-62,109);
- 7) 100% na fala espontânea de Florianópolis – região Sul –, (BONFÁ, PINTO; LUIZ, 1997, p.10-11), área de alternância do pronome *tu/você* com predomínio do uso de *tu* - 76%, com 43% com morfologia verbal explícita, ou seja, com

concordância: dados da década de 90 (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p.133,167);

- 8) 20% na fala espontânea de Lages – região Sul –, área de alternância do pronome *você/tu* (BONFÁ, PINTO; LUIZ, 1997, p.10-11), com predominância do uso do *você* (85%), segundo Loregian-Penkal (2004, p.133,167) – dos 15% de *tu*, há 14% com morfologia verbal explícita, ou seja, com concordância: dados da década de 90.

Pesquisas da região Nordeste, também listadas a seguir, revelam maior frequência da forma imperativa do tipo *deixe/receba/abra/dê/diga/vá* – FORMA ASSOCIADA AO SUBJUNTIVO – OU O EQUILÍBRIO DAS DUAS FORMAS (*deixa vs. deixe; recebe vs. receba; abre vs. abra; dá vs. dê; diz vs. diga; vai vs. vá*) em diálogos espontâneos, sem dependência exclusiva do uso do pronome *tu* ou *você*.

- 1) 35% na fala de Fortaleza – região Nordeste –, área de alternância dos pronomes *você/tu* (CARDOSO, 2007) ou *tu/você* (SOARES, 1980): dados do projeto Português Culto de Fortaleza, da década de 90 (CARDOSO, 2007);
- 2) 34% na fala de João Pessoa – região Nordeste –, área de alternância *tu/você*, com *tu* com concordância variável (PEDROSA, 1999): dados da década de 90, em contexto de predominância do pronome *você* (ALVES, 2001, p.54);
- 3) 51% na fala de Recife – região Nordeste –, área de alternância dos pronomes *você/tu* (JESUS, 2006, p.29-31,46,72), com *tu* com concordância variável (24% de concordância, segundo contagem nossa) e predominância do uso de *você* (JESUS, 2006, p.99; SETTE, 1980, p.106-107,148,164-166): dados do projeto Núcleo de Estudos Linguísticos da Fala e da Escrita (NELFE), do projeto Norma Urbana Culta (NURC) de Recife e da amostra da dissertação de mestrado de Sette (1980), das décadas de 70 e 80;
- 4) 28% na fala de Salvador – região Nordeste –, área de uso do pronome *você*: dados do projeto Norma Urbana Culta (NURC) do Programa de Estudos do Português Popular (PEPP), da década de 90 do século XX (SAMPAIO, 2001, p.61,79-80; ALVES; ALVES, 2005, p.35-44).

À exceção da cidade de Lages, os resultados das pesquisas relacionadas acima e visualizados no Gráfico 1, a seguir, revelam um corte geográfico bastante claro. Nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste há domínio do imperativo sincronicamente associado ao indicativo (*deixa/recebe/abra/dá/diz/vai*). Em três capitais da região Nordeste – Fortaleza, João Pessoa e Salvador –, há maior uso do imperativo associado ao subjuntivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) e, em Recife – capital de Pernambuco –, também região Nordeste, há equilíbrio das duas formas gramaticais do imperativo (*deixa vs. deixe; recebe vs. receba; abre vs. abra; dá vs. dê; diz vs. diga; vai vs. vá*).

O comportamento diferenciado do uso do imperativo em Lages, no interior de Santa Catarina, região Sul, é sem dúvida instigante e motiva ampliação da coleta de dados (que já está sendo feita com dados do projeto Variação Linguística no Sul (Varsul) por Mariléia da Silva Reis), tendo em vista que os dados analisados por Bonfá, Pinto e Luiz (1997) revelam o menor índice de imperativo do tipo *deixa/recebe/abre/dá/diz/vai* (20%), até um pouco menos do que nos dados de Salvador (28%), capital da Bahia, região Nordeste. Num primeiro momento, esses resultados nos pareceram surpreendentes, mas o registro de Loregian-Penkal (2004, p.133) de que Lages é a cidade de Santa Catarina que apresenta maior uso de *você* (85%) lança luzes para o entendimento dos resultados de Bonfá, Pinto e Luiz (1997) e permite levantar a hipótese de que, na região Sul do país, possa haver relação mais nítida entres os traços de [+distanciamento] discursivo e uso respectivo de formas do tipo *deixe/receba/abra/dê/diga/vá* e *deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*, à semelhança do que ainda ocorre em Portugal. Ainda mais instigante e até paradoxal, é o fato de Bonfá, Pinto e Luiz (1997, p.11) relatarem que as formas do tipo *deixe/receba/abra/dê/diga/vá* ocorrem em contexto de maior intimidade, enquanto *deixa/recebe/abre/dá/diz/vai* ocorrem em contexto de menor intimidade, o oposto do que se dá em Portugal. Pesquisas futuras podem trazer novos fatos para o entendimento destas questões.

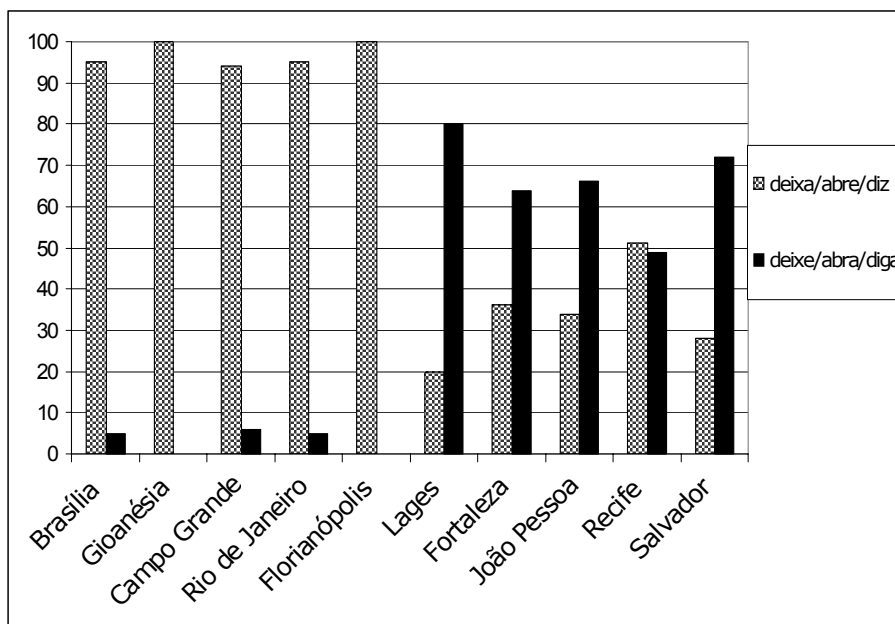


Gráfico 1: Distribuição do imperativo gramatical no eixo geográfico em diálogos de língua falada

Enfim, saber com precisão o que determina as diferenciações geográficas com relação ao imperativo no português brasileiro falado em circunstâncias

reais é tarefa ainda por se fazer. A hipótese de Heloísa Salles com relação à região Nordeste, em comunicação pessoal, é que esta questão pode estar relacionada ao maior uso de subjuntivo também nas orações subordinadas substantivas nessa mesma região. A esse respeito, remetemos o leitor ao trabalho que está sendo desenvolvido por Maria do Carmo de Oliveira, cujos primeiros resultados se encontram em Oliveira (2006). Nessa linha de entendimento, Daisy Bárbara Cardoso Borges está analisando a expressão do imperativo em dados de pessoas nativas de Fortaleza residentes em Fortaleza e pessoas nativas de Fortaleza residentes em Brasília, cujos primeiros resultados foram apresentados na qualificação do projeto de doutorado (CARDOSO, 2007).

Aspectos diacrônicos e sincrônicos com relação ao imperativo no português brasileiro⁶

Outro fato que merece destaque e que se encontra discutido em detalhes em textos ainda inéditos é a situação do português brasileiro no cenário das línguas de imperativo denominado verdadeiro pela teoria gerativa, ou seja, línguas que têm imperativo com morfologia e sintaxe próprias (distintas de outros modos verbais e/ou de outros tipos oracionais), à semelhança do que se observava em latim e do que se observa hoje, por exemplo, no espanhol castelhano e no português europeu (SCHERRE, 2005; CARDOSO, 2007; SCHERRE, CARDOSO, LUNGHINHO; SALLES, 2007). Nesse aspecto em particular, é importante salientar que, quando a tradição gramatical registra que o português tem imperativo próprio apenas para as segundas pessoas, ela está se reportando a uma verdade diacrônica, associando as formas imperativas do tipo *deixa/recebe/abre/dá/diz/vai* ao imperativo latino, um modo verbal distinto do modo indicativo, cuja segunda pessoa singular é derivada da forma infinitiva sem a última sílaba (ALMEIDA, 1995, p.211; GARCIA, 2000, p.59-60; FURLAN, 2006, p.85), como exemplificamos abaixo:

- 1) *laxa* (deixa) de *laxare* (deixar);
- 2) *recipe* (recebe) de *recipere* (receber);
- 3) *aperi* (abre) de *aperire* (abrir);
- 4) *da* (dá) de *dare* (dar);
- 5) *dic* (diz) de *dicere* (dizer);
- 6) *i* (vai) de *ire* (ir);

⁶ Com relação aos aspectos sobre o latim neste texto, contei com a valiosa colaboração da amiga e colega Jane Adriana Castro, professora de latim do Departamento de Linguística, Língua Portuguesa, Português e Línguas Clássicas (LIP) do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB), a quem agradeço de coração. Também busquei informações na página eletrônica Wikibooks.

- 7) *ama* (ama) de *amare* (amar);
- 8) *vide* (vê) de *videre* (ver);
- 9) *fac* (faz) de *facere* (fazer).

Faraco (1986) percorre vasta literatura sobre o tema e, com propriedade, discute em detalhes a questão de as formas imperativas denominadas próprias (*deixa/recebe/ abre/dá/diz/vai*) serem consideradas formas indicativas com valor de atos de fala impositivos. Pondera que “de fato, ambas as formas (a segunda singular do imperativo e a terceira singular do presente do indicativo) são morfologicamente idênticas (*canta*). É uma homofonia criada historicamente como resultado da queda do –t final da terceira pessoa do singular do presente do indicativo latino (*cantat-canta*)” (1986, p.5). Apresentando argumentação sintática (ausência de sujeito superficial), fonológica (padrão entoacional descendente) e semântica (capacidade de expressar ordens, pedidos, sugestões, súplicas etc.), Faraco (1986, p.2,6-8) conclui decisivamente que formas como *canta* em construções como “Canta essa música agora!” e “Não canta essa música agora!” “são de fato imperativas”.

Buscando mais argumentação para a proposta de Faraco (1986), apresento no Quadro 1, para os nove verbos usados como exemplo neste texto, as respectivas formas do infinitivo; da 2ª pessoa do imperativo singular; da 2ª pessoa singular do presente do indicativo (formas com ou sem morfema explícito que podem ser associadas ao pronome *tu* no português brasileiro a depender da área geográfica), e da 3ª pessoa singular do presente do indicativo. Para facilitar a visualização, coloco as formas latinas em caixa alta e as do português brasileiro, em caixa baixa.

À exceção dos verbos *dicere* (dizer) e *facere* (fazer), que já em latim não apresentavam a vogal final nas formas imperativas (*dic* e *fac*), é notável a regularidade da relação entre as formas imperativas latinas (com a supressão da última sílaba) e o infinitivo, mas não deixa também de ser notável a relação regular da forma imperativa latina com a forma de segunda pessoa do singular do presente do indicativo sem o –s final e igualmente notável a semelhança das formas de terceira pessoa do singular do presente do indicativo sem o –t final, fato já apontado por Faraco (1986).

INFINITIVO	2ª PESSOA DO IMPERATIVO AFIRMATIVO SINGULAR	2ª PESSOA SINGULAR DO PRESENTE INDICATIVO	3ª PESSOA SINGULAR DO PRESENTE INDICATIVO
1) LAXARE Deixar	<i>LAXA</i> Deixa	<i>LAXAS</i> Deixa/Deixas	<i>LAXAT</i> Deixa
2) RECIPERE Receber	<i>RECIPE</i> Recebe	<i>RECIPIIS</i> Recebe/Recebes	<i>RECIPIIT</i> Recebe
3) APERIRE Abrir	<i>APERI</i> Abre	<i>APERIS</i> Abre/Abres	<i>APERIT</i> Abre
4) DARE Dar	<i>DA</i> Dá	<i>DAS</i> Dá/Dás	<i>DAT</i> Dá
5) DICERE Dizer	<i>DIC</i> Diz	<i>DICIS</i> Diz/Dizes	<i>DICIT</i> Diz
6) IRE Ir	<i>I</i> Vai	<i>IS</i> Vai/Vás	<i>IT</i> Vai
7) AMARE Amar	<i>AMA</i> Ama	<i>AMAS</i> Ama/Amas	<i>AMAT</i> Ama
8) VIDERE Ver	<i>VIDE</i> Vê	<i>VIDES</i> Vê/Vês	<i>VIDET</i> Vê
9) FACERE Fazer	<i>FAC</i> Faz	<i>FACIS</i> Faz/Fazes	<i>FACIT</i> Faz

Quadro 1: Visão comparativa de formas do imperativo afirmativo singular classificadas como próprias

Embora estudos de natureza diacrônica não sejam de minha especialidade, não posso deixar de considerar mais notável ainda o fato de a literatura latina derivar o imperativo afirmativo singular de segunda pessoa da forma infinitiva; o fato de a tradição gramatical ora afirmar que o imperativo tem formas próprias para as segundas pessoas (leiam-se *tu* e *vós*) em construções afirmativas, ora afirmar que o imperativo afirmativo de segunda pessoa é derivado do indicativo sem o *-s* final (BECHARA, 1999, p.237; ALMEIDA, 1992, p.227; CEGALLA, 1991, p.166-167; ROCHA LIMA, 1969, p.118-119); e também o fato de Faraco (1986) estabelecer que o que houve, em verdade, foi uma confluência da 3ª pessoa singular do indicativo presente com as formas do imperativo singular por causa da queda do *-t* final dessas formas. Em verdade, cada uma das três interpretações não deixa de ter a sua lógica interna, em função das similaridades morfofonológicas existentes, embora as formas imperativas dos verbos *ir* e *ver* apresentem, em português, maior similaridade com as formas do indicativo.

O Quadro 2, a seguir, apresenta as formas imperativas de 2ª pessoa do plural e vejamos o que se pode acrescentar às questões colocadas acima. Observando as formas do latim no Quadro 2, é novamente possível ver relação clara entre o

imperativo plural e o infinitivo (com a supressão de –RE e inserção de –TE), mas é possível também ver relação morfológica regular com as formas verbais de segunda pessoa do plural do modo indicativo (queda do –S e transformação de I em E), relação esta que é absolutamente regular no português brasileiro escrito bíblico ou no de escritores que querem retratar um estilo de um português mais antigo, rigorosamente registrado pela tradição gramatical (com a queda do –S). O que não há em português nem em latim é relação óbvia entre o imperativo de segunda pessoa plural de *vós* e a terceira pessoa plural do presente do indicativo.

Pelo que apresentamos nos Quadros 1 e 2, entende-se o porquê da relação morfológica estabelecida entre as formas imperativas denominadas de próprias e as formas verbais de segunda pessoa, quer singular (*tu*) quer plural (*vós*): a meu ver, trata-se de uma confluência entre verdades sincrônicas e verdades diacrônicas que, segundo Saussure (1973), por serem de natureza diferente – porque se baseiam em relações de natureza diferente (respectivamente, relações entre unidades no eixo das sucessões e relações entre unidades no eixo das simultaneidades) –, deveriam ter seu espaço devidamente separado no entendimento dos fatos lingüísticos, mas é também fato que as duas verdades convergiram, na língua e no registro da tradição.

INFINITIVO	2ª PESSOA DO IMPERATIVO AFIRMATIVO PLURAL	2ª PESSOA PLURAL DO PRESENTE INDICATIVO	3ª PESSOA PLURAL DO PRESENTE INDICATIVO
1) LAXARE Deixar	LAXATE Deixai	LAXATIS Deixais	LAXANT Deixam
2) RECIPERE Receber	RECIPETE Recebei	RECIPITIS Recebeis	RECIPIUNT Recebe
3) APERIRE Abrir	APERITE Abri	APERITIS Abris	APERIUNT Abrem
4) DARE Dar	DATE Dai	DATIS Dais	DANT Dêem
5) DICERE Dizer	DICITE Dizei	DICITIS Dizei	DICUNT Dizem
6) IRE Ir	ITE Ide	ITIS Ides	EUNT Vão
7) AMARE Amar	AMATE Amai	AMATIS Amais	AMANT Amam
8) VIDERE Ver	VIDETE Vede	VIDETIS Vedes	VIDENT Vêem
9) FACERE Fazer	FACITE Fazei	FACITIS Fazeis	FACIUNT Fazem

Quadro 2: Visão comparativa de formas do imperativo afirmativo plural classificadas como próprias

Com a inserção do pronome *você* no sistema,⁷ incorporando o traço de mais proximidade (ou menos distanciamento) nas regiões Sudeste e Centro-Oeste e em, pelo menos, uma das capitais de um dos estados da região Nordeste, a saber, Salvador, o sistema se reorganiza e formas imperativas como *deixa/recebe/ abre/dá/diz/vai* passam a ocorrer também no contexto do pronome *você*. É importante registrar que essas formas imperativas eram utilizadas em latim em contexto de mais proximidade (ou menos distanciamento), da mesma forma que as formas verbais de segunda pessoa singular com morfologia expressa, nos moldes do que ocorre ainda hoje em Portugal e na Espanha. Para estabelecer relação de formalidade em relação a um só falante e também para a interação com mais de um falante independentemente da situação de formalidade, registram os trabalhos de natureza histórica que era usada a forma imperativa plural. Com o desaparecimento da antiga forma de plural *vós* no português brasileiro falado, o sistema imperativo plural também se reorganiza: a forma imperativa plural associada a *vocês* entra em cena, mas sem apresentar variação, valendo-se unicamente da forma associada ao modo subjuntivo (*deixem/ recebam/abram/dêem/digam/vão*).

Segundo os registros históricos, repetimos, só havia formas imperativas afirmativas próprias para as segundas pessoas do discurso (*tu* e *vós*) em estruturas afirmativas. As demais pessoas do discurso, bem como o imperativo negativo, lançavam mão de formas do subjuntivo ou do infinitivo, denominadas supletivas ou auxiliares. No caso do português brasileiro, é novamente interessante observar a semelhança entre as formas imperativas auxiliares ou supletivas e as formas do subjuntivo latino, sem, novamente o –t final (ver Quadro 3), tanto para o singular quanto para o plural. Com o desaparecimento de *vós* do português brasileiro falado e a inserção de *você* no sistema pronominal, repetimos, são então adotadas para o imperativo plural as formas associadas ao subjuntivo (*deixem; recebam; abram; dêem; digam; vão*),⁸ e as formas singulares associadas ao subjuntivo ficam em variação com as formas imperativas latinas, hoje associadas ao indicativo pela tradição gramatical em função das confluências morfofonológicas.

⁷ Estudos sobre aspectos socio-históricos e sobre a gramaticalização do pronome *você* podem ser encontrados, por exemplo, nos textos de Faraco (1996); Pitombo (1998); Lucca (2003); Lopes e Duarte (2003).

⁸ Nossas atuais pesquisadoras de iniciação científica (Fernanda Gláucia de Moura Melo e Carolina Queiroz Andrade) não estão tão seguras dessa invariância. Pesquisas futuras, especialmente em áreas de Minas Gerais e Goiás, podem nos trazer novos fatos. Scherre et al. (2000a – Tabela 1) apresentam um caso desta natureza (**Levantam pra mim**) em 21 casos que, por ora, desconsideramos nas reflexões que estamos fazendo neste texto.

INFINITIVO	2ª PESSOA INDIRETA DO IMPERATIVO AFIRM. SING. E IMP. NEGATIVO: IMPERATIVO AUXILIAR	2ª PESSOA INDIRETA DO IMPERATIVO AFIRM. PL. E IMP. NEGATIVO: IMPERATIVO AUXILIAR	3ª PESSOA SINGULAR DO PRESENTE SUBJUNTIVO	3ª PESSOA PLURAL DO PRESENTE SUBJUNTIVO
1) LAXARE Deixar	(não) deixe	(não) deixem	LAXET Deixe	LAXENT Deixam
2) RECIPERE Receber	(não) receba	(não) recebam	RECIPIAT Receba	RECIPIANT Recebam
3) APERIRE Abrir	(não) abra	(não) abram	APERIAT Abra	APERIANT Abre
4) DARE Dar	(não) dê	(não) dêem	DET Dê	DENT Dêem
5) DICERE Dizer	(não) diga	(não) digam	DICIS Diga	DICANT Digam
6) IRE Ir	(não) vá	(não) vão	EAT Vá	EANT Vão
7) AMARE Amar	(não) ame	(não) amem	AMET Ame	AMENT Amem
8) VIDERE Ver	(não) veja	(não) vejam	VIDEAT Veja	VIDEANT Vejam
9) FACERE Fazer	(não) faça	(não) façam	FACIAT Faça	FACIANT Façam

Quadro 3: Visão comparativa de formas do imperativo de segunda pessoa classificadas como auxiliares ou supletivas

Como já tivemos oportunidade de evidenciar, diversas pesquisas sobre o imperativo gramatical no português falado têm mostrado que a alternância das formas *deixa vs. deixe; recebe vs. receba; abre vs. abra; dá vs. dê; diz vs. diga; vai vs. vá* não apresenta distribuição complementar em função do contexto de uso do pronome *tu* ou *você* ou da polaridade afirmativa ou negativa da construção (com a partícula negativa na posição pré-verbal). Elas revelam que, para a segunda pessoa singular, o português brasileiro falado apresenta as formas alternantes acima, arroladas no Quadro 4, construído em três etapas, com repetição das formas infinitivas e imperativas para facilitar a visualização e produzir uma visão de conjunto do sistema que, segundo as pesquisas consultadas, vigora no português brasileiro falado.

Vejamos também no Quadro 4 uma síntese tentativa da alternância dos pronomes *tu* e *você* no português brasileiro, cujas pesquisas consultadas revelam,

em termos de possibilidades, pelo menos cinco subsistemas, que se aplicam igualmente ao modo subjuntivo (e também a outros tempos além do presente). As especificações geográficas explicitadas em cada um dos subsistemas decorrem das pesquisas de que temos conhecimento, de um pouco de nossa própria experiência e de informações em comunicação pessoal. Num futuro ainda impreciso, esperamos poder mapear a nossa extensa configuração geográfica no que diz respeito ao uso do imperativo, ao uso de *tu/você* na posição de sujeito e à concordância variável com *tu*. Acreditamos, todavia, que os cinco subsistemas arrolados a seguir possam cobrir a realidade do imenso território brasileiro com relação a estes dois últimos aspectos.

O subsistema 1 exibe **uso exclusivo do pronome *você***, que, como se sabe, historicamente não apresentava desinência específica para suas respectivas formas verbais por ser derivado de uma forma nominal, usada como segunda pessoa indireta (ver referências bibliográficas na nota 2), e sincronicamente apresenta forma verbal em neutralização com a de terceira pessoa singular *ele/ela* (*Você deixa eu pensar? Ele/Ela deixa eu pensar?*). Este subsistema é encontrado no estado de Minas Gerais – região Sudeste; em toda a região Centro-Oeste, exceto o Distrito Federal; em praticamente todo o Estado do Paraná – região Sul; e na cidade de Salvador, estado da Bahia – região Nordeste.

O subsistema 2, com **uso predominante do pronome *tu* com baixa concordância** (mais de 50% de *tu* e menos de 10% de concordância: *Tu deixa eu pensar?*), é encontrado na região Sul. No Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre apresenta 93% de *tu*, com 7% de concordância; São Borja, 94% de *tu*, com 5% de concordância; Panambi, 93% de *tu*, com 3% de concordância; e Flores da Cunha, 83% de *tu*, com 2% de concordância. Em Santa Catarina, Chapecó exibe 51% de uso de *tu* com apenas 0,8% de concordância (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p.133,167).

⁹ Soares e Leal (1993) analisam também o uso de *senhore* e a relação entre pais e filhos, filhos e pais de professores e funcionários da Universidade Federal do Pará, cujos detalhes muito interessantes não serão aqui relatados, por causa dos objetivos mais gerais de nosso texto. Para se chegar ao percentual de 77% global de uso do *tu*, fizemos a contagem de *tu* vs. *você* (366/472) a partir das informações do Quadro 12.

4A: RELAÇÃO ENTRE AS FORMAS DO IMPERATIVO SINGULAR E AS FORMAS DE SEGUNDA PESSOA SINGULAR COM OS PRONOMES TU E/OU VOCÊ DO MODO INDICATIVO

FORMAS COMUNS A TODOS OS SUBSISTEMAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO		SUBSISTEMA 1	SUBSISTEMA 2	SUBSISTEMA 3	SUBSISTEMA 4	SUBSISTEMA 5
INFINITIVO	2ª PESSOA DO IMPERATIVO AFIRMATIVO OU NEGATIVO SINGULAR NO CONTEXTO DE TU E/OU VOCÊ	2ª PESSOA SING DO PRESENTE INDICATIVO Uso exclusivo do <i>você</i>	2ª PESSOA SING DO PRESENTE INDICATIVO Predominância de <i>tu</i> <i>TU</i> com BAIXA concordância	2ª PESSOA SING DO PRESENTE INDICATIVO Predominância de <i>tu</i> <i>TU</i> com MAIS concordância	2ª PESSOA SING DO PRESENTE INDICATIVO Alternância <i>você/tu</i> <i>tu/você</i> <i>TU SEM</i> concordância	2ª PESSOA SING DO PRESENTE INDICATIVO Alternância <i>tu/você</i> <i>você/tu</i> <i>TU COM</i> concordância variável
1) Deixar	(Não) deixa/deixe	Deixa	Deixa(s)	Deixa(s)	Deixa	Deixa(s)
2) Receber	(Não) recebe/receba	Recebe	Recebe(s)	Recebe(s)	Recebe	Recebe(s)
3) Abrir	(Não) abre/abra	Abre	Abre(s)	Abre(s)	Abre	Abre(s)
4) Dar	(Não) dá/dê	Dá	Dá(s)	Dá(s)	Dá	Dá(s)
5) Dizer	(Não) diz/diga	Diz	Diz/dizes	Diz/dizes	Diz	Diz/dizes
6) Ir	(Não) vai/vá	Vai	Vai/vás	Vai/vás	Vai	Vai/vás
7) Amar	(Não) ama/ame	Ama	Ama(s)	Ama(s)	Ama	Ama(s)
8) Ver	(Não) vê/veja	Vê	Vê(s)	Vê(s)	Vê	Vê(s)
9) Fazer	(Não) faz/faça	Faz	Faz/fazes	Faz/fazes	Faz	Faz/fazes

4B: CONFLUÊNCIA ENTRE AS FORMAS IMPERATIVAS SINGULAR E AS FORMAS DE TERCEIRA PESSOA SINGULAR DO MODO INDICATIVO E SUBJUNTIVO: FORMAS COMUNS A TODOS OS SUBSISTEMAS

INFINITIVO	2ª PESSOA DO IMPERATIVO SINGULAR NO CONTEXTO DE TU E/OU VOCÊ	3ª PESSOA SINGULAR DO PRESENTE INDICATIVO ELE/ELA	3ª PESSOA SINGULAR DO PRE-SENTE DO SUBJUNTIVO ELE/ELA
1) Deixar	(Não) deixa/deixe	Deixa	Deixe
2) Receber	(Não) recebe/receba	Recebe	Receba
3) Abrir	(Não) abre/abra	Abre	Abra
4) Dar	(Não) dá/dê	Dá	Dê
5) Dizer	(Não) diz/diga	Diz	Diga
6) Ir	(Não) vai/vá	Vai	Vá
7) Amar	(Não) ama/ame	Ama	Ame
8) Ver	(Não) vê/veja	Vê	Veja
9) Fazer	(Não) faz/faça	Faz	Faça

4C: CONFLUÊNCIA ENTRE A FORMA IMPERATIVAS PLURAL E A FORMA DE TERCEIRA PESSOA PLURAL DO MODO SUBJUNTIVO: FORMAS COMUNS A TODOS OS SUBSISTEMAS			
INFINITIVO	2ª PESSOA DO IMPERATIVO PLURAL NO CONTEXTO DE VOCÊS	2ª PESSOA PLURAL DO PRESENTE DO SUBJUNTIVO NO CONTEXTO DE VOCÊS	3ª PESSOA PLURAL DO PRESENTE DO SUBJUNTIVO ELAS/ELAS
1) Deixar	(Não) deixem	Deixem	Deixem
2) Receber	(Não) recebam	Recebam	Recebam
3) Abrir	(Não) abram	Abram	Abram
4) Dar	(Não) dêem	Dêem	Dêem
5) Dizer	(Não) digam	Digam	Digam
6) Ir	(Não) vão	Vão	Vão
7) Amar	(Não) amem	Amem	Amem
8) Ver	(Não) vejam	Vejam	Vejam
9) Fazer	(Não) façam	Façam	Façam

Quadro 4: Visão comparativa e de conjunto das formas do imperativo no português brasileiro falado

O subsistema 3, com **uso predominante do pronome *tu* com mais concordância** (*Tu deixa eu pensar? Tu deixas eu pensar? Tu deixasse ele ir?*), é encontrado nas regiões Sul, Norte e Nordeste, embora não conheçamos números precisos para todas as três regiões. Para a região Sul, Estado de Santa Catarina, o trabalho de Loregian-Penkall (2004, p.167) apresenta as cidades de Ribeirão da Ilha (96% de *tu*, com 60% de concordância), Florianópolis (76% de *tu*, com 43% de concordância). Para a região Norte, estado do Pará, Soares e Leal (1993, p.51) evidenciam que a cidade de Belém exibe 77% de uso global do *tu* com concordância variável.⁹ Na região Nordeste, o Maranhão é conhecido como o estado em que se usa o *tu* com concordância, mais presente na área urbana do que na área rural, segundo o depoimento de maranhenses com quem tenho contato intenso. Para o estado da Paraíba, o trabalho de Bezerra (1994: 115), com dados de crianças de Campina Grande, revela 69% de uso de *tu*; o trabalho de Pedrosa (1999) revela 23% de concordância com o pronome *tu* em dados de João pessoa (especialmente com o pretérito perfeito, à semelhança do Sul, nas áreas de *tu* com concordância (Loregian, 1996: 65)).

O subsistema 4 exibe **alternância dos pronomes *você/tu* ou *tu/você* sem concordância com o pronome *tu*** (*Você deixa eu pensar? Tu deixa eu pensar? Tu deixou eu pensar?*). Este subsistema é encontrado na região Sudeste, na cidade do Rio de Janeiro (PAREDES SILVA, 2003, p.163) e na cidade de Santos (MODESTO, 2006, p.102): respectivamente, 64% e 42% nas falas menos monitoradas; em áreas bilíngües do Rio Grande do Sul – com alto uso de *você* entre falantes bilíngües (LEÃO; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2003); em áreas bilíngües do Paraná, com maior uso de *tu* entre falantes bilíngües (LEÃO;

ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2003); em áreas rurais da Bahia (OLIVEIRA, 2005 apud LUCCA, 2007) e está se instalando no Distrito Federal, em percentuais bastante significativos nos grupos mais jovens do sexo masculino, chegando a 78% em dados de fala sem conhecimento da gravação (LUCCA, 2005, p.83) e 45% em dados de fala com conhecimento parcial da gravação (DIAS, 2007, p.76).

O subsistema 5 exhibe **alternância dos pronomes *você/tu* ou *você/tu* com concordância com o pronome *tu* em grau mais variado** (*Tu deixa eu pensar? Tu deixas eu pensar? Tu deixou ele ir? Tu deixasse ele ir*) e pode ser encontrado na região Sul e na região Nordeste, embora também não conheçamos números precisos para as duas regiões. Na região Sul, o trabalho de Loregian-Penkal (2004, p.167) arrola as cidades de Blumenau (27% de *tu*, com 38% de concordância) e de Lages (15% de *tu*, com 14% de concordância), do interior de Santa Catarina.¹⁰ Na região Nordeste, a cidade de Fortaleza (estado do Ceará) e a cidade de Teresina (estado do Piauí) revelam uso do *tu* com concordância variável, mas em números ainda desconhecidos. Os dados de Recife, analisados por Jesus (2006), exibem variação *você/tu*, com maior uso do pronome *você* e 24% de concordância com *tu* (em contagem feita por nós diretamente nos arquivos do corpus analisado, mais também no pretérito perfeito, à semelhança da Paraíba e de áreas do Sul de *tu* com concordância (LOREGIAN, 1996, p.65)).

As sínteses acima revelam a rica diversidade do uso do *tu* e do *você* no português brasileiro em termos de percentagens gerais. Essa diversidade ainda se revela mais rica quando entra em jogo o efeito dos diversos fatores lingüísticos e não-lingüísticos que gerenciam a variação lingüística, entre os quais se ressalta a importância dos fatores de natureza interacional, especialmente o traço de [+distanciamento] ou [+intimidade], ou seja, toda a complexa relação de poder e solidariedade que envolve os pronomes de tratamento T/V, nos termos de Brown e Gilman (2003). No Brasil, a macro oposição no caso dos pronomes *tu/você* não é simples nem linear.

No subsistema 1, o pronome *você* nesta relação é a forma não-marcada e, como tal, transita pelos mais diversos contextos discursivos. Nos subsistemas 2 e 3, o pronome *tu* é que é a forma não-marcada: transita também por contextos discursivos diversos; neste caso, o uso do pronome *você* pode estar sujeito a forte monitoração. Nas situações formais, aumenta-se, muitas vezes, a concordância com o *tu*.

Nos sistemas 4 e 5, em que há a alternância de *você/tu* ou *tu/você*, não há dúvida de que o *tu* é reservado para as situações mais marcadas, permeadas

¹⁰ Ver também o trabalho de Hausen (2000, p.106-107), que apresenta percentuais de concordância – fora dos parêntesis – semelhantes aos de Loregian-Penkal (2004, p.167) (entre parêntesis): Ribeirão da Ilha: 57% (60%); Florianópolis: 40% (43%); Blumenau: 28% (38%); Lages: 9% (14%); Porto Alegre: 4% (7%); e Chapecó: 3% (0,8%). Infelizmente, ainda não tivemos a oportunidade de ler o trabalho de Amaral (2003) sobre a concordância verbal da segunda pessoa do singular em Pelotas. Numa próxima oportunidade, este trabalho será devidamente incorporado.

por relações de solidariedade, de intimidade, de proximidade, entre outras. A transição de uma forma para outra é muitas vezes inconsciente e, diante de um gravador para se fazer uma entrevista laboviana típica, o pronome *tu* desaparece a ponto de os falantes dizerem que não usam *tu* (depoimento de falantes do Piauí e de Recife, por exemplo) e muitos estudiosos dizem que o *tu* está desaparecendo do Brasil.

Diria eu, em coro com outras vozes, que o *tu* pode, sim, estar desaparecendo de gravações labovianas típicas, não da realidade do português brasileiro. A este respeito, é interessante ver, por exemplo, as ponderações de Soares e Leal (1993), Paredes Silva (2003), Lucca (2005, 2007), Modesto (2006) e Dias (2007). Neste momento, como coloca Soares e Leal (1993), o maior ou menor uso do *senhor*, decorrente da reorganização das relações familiares, está exercendo um papel importante nas formas usadas nas interações entre pais e filhos e, em verdade, nas relações entre as pessoas de forma mais geral, possibilitando até mesmo o efetivo ressurgimento do pronome *tu* sem concordância (exceto, creio, nas áreas do subsistema 1).

Assim, embora fortes e evidentes no uso de *tu/você* a depender da região, os aspectos sociointeracionais parecem não ser decisivos na variação do imperativo gramatical singular no português brasileiro falado, como foi para o latim e como ainda é para o português europeu. O que queremos enfatizar neste momento é que, dada a ampla variação entre *tu* e *você* no Brasil, é perfeitamente razoável a existência da variação de *deixa vs. deixe; recebe vs. receba; abre vs. abra; dá vs. dê; diz vs. diga; vai vs. vá*, sem ligação evidente com os contextos de *tu* e *você* em função de maior ou menor distanciamento. Além do mais, é importante ressaltar, novamente, que verdades sincrônicas e diacrônicas convergiram para a associação que a tradição gramatical faz entre as formas imperativas do tipo *deixa/recebe/abre/dá/diz/vai* e o modo indicativo (considerando ou não a eventual supressão do *-s* final), embora diacronicamente tenha havido a convergência entre terceira pessoa do indicativo e forma imperativa derivada do infinitivo.

O fato que mais conta hoje para o falante é que há alternância entre *deixa vs. deixe; recebe vs. receba; abre vs. abra; dá vs. dê; diz vs. diga; vai vs. vá*, duas formas inequivocamente imperativas no sentido de funcionarem como atos de fala diretivos, sem sujeito expresso e com entonação descendente. Resta saber se o falante faz intuitivamente a associação entre essas formas e as do modo indicativo e do modo subjuntivo. É um teste que ainda não foi feito. Como pesquisador, assumimos, até prova em contrário, que falar em imperativo associado ao subjuntivo e ao indicativo não deixa de ser legítimo. O que nos parece paradoxal é dizer que o imperativo tem formas próprias e é ao mesmo tempo um modo derivado.

O trabalho de Leão, Altenhofen e Klassmann (2003) introduz outro aspecto interessante na pauta das pesquisas, que é o uso do sujeito nulo como mecanismo

de neutralização da “marcação social que a escolha de *tu* ou *você* representaria”. Segundo os autores, esse mecanismo é especialmente usado pelos falantes de Santa Catarina em contextos bilíngües (bilíngües em área bilíngüe, 71%; monolíngües em área bilíngüe, 65%; monolíngües em área monolíngüe, 46%). Outro aspecto interessante em Santa Catarina é o uso de formas nominais nos diálogos, especialmente as de parentesco, relatado por Dias (2007, p.31) em recente trabalho sobre o uso do *tu* em Brasília. Ao fazer um apanhado criterioso sobre os pronomes T/V em diversas línguas do mundo, Dias (2007, p.7-47) apresenta, em especial, o sistema do português europeu e relata o uso amplo de formas nominais nesta língua. É provável que o mecanismo de esquiva com zero seja bem mais amplo do que se imagina e, também, que o mecanismo de uso de formas nominais seja freqüente em áreas do Norte, também pela influência dos casais açorianos, à semelhança do que ocorreu em Santa Catarina. Comparações instigantes ainda precisam ser feitas entre o que ocorre com o Sul, o Norte e o Nordeste do país com relação às formas de fazer referência ao interlocutor e a eventual relação entre estes mecanismos e a variação do imperativo gramatical.

Sobre os condicionamentos da variação no português brasileiro

Embora não haja distribuição complementar entre as formas imperativas singulares associadas ao indicativo ou ao subjuntivo em função do contexto de uso do pronome *tu* ou do pronome *você*, a variação linguística hoje observada na língua falada apresenta correlações mais ou menos nítidas em função de diversas variáveis linguísticas e não-linguísticas (SCHERRE et al., 1998, 2000a, 2000b, 2004, 2007; SAMPAIO, 2001; LIMA, 2005; JESUS, 2006), a saber:

- 1) formalidade e/ou natureza mais ou menos dialógica do evento discursivo;
- 2) polaridade da estrutura;
- 3) presença/ausência de *tu/você* no contexto;
- 4) pronome reto depois do verbo, e tipo/posição/pessoa do pronome oblíquo em relação ao verbo;
- 5) tipo de paradigmas verbais e de oposições verbais;
- 6) natureza aberta/fechada da vogal precedente em verbos da 1ª conjugação;
- 7) número de sílabas do verbo na forma infinitiva;
- 8) natureza da forma precedente em séries de formas imperativas (paralelismo discursivo);
- 9) faixa etária do falante; e
- 10) escolaridade do falante.

Tendem a favorecer relativamente formas imperativas associadas ao indicativo (<i>deixa/recebe/abre/dá/diz/vai</i>)	Tendem a favorecer relativamente formas imperativas associadas ao sub-juntivo (<i>deixe/receba/abra/ dê/diga/vá</i>)
1) eventos de fala menos formais e de natureza explicitamente mais dialógica (SCHERRE et al., 1998, p.65, 68; LIMA, 2005, p.50-57; SCHERRE, 2007)	1) eventos de fala mais formais e de natureza explicitamente menos dialógica (SCHERRE et al., 1998, p.65, 68; LIMA, 2005, p.50-57; SCHERRE, 2007)
2) Construções afirmativas (SCHERRE et al., 1998, p.66; SAMPAIO, 2001, p.96, 111)	2) Construções com negação pré-verbal (SCHERRE et al., 1998, p.66; SAMPAIO, 2001, p.96, 111; LIMA, 2005, p.82; JESUS, 2006, p.80)
3) Contexto com <i>tu</i> explícito no contexto na fala de Recife (JESUS, 2006, p.80) ou sem <i>você</i> explícito no contexto na fala de Campo Grande (LIMA, 2005, p.82)	3) Contexto com <i>você</i> explícito no contexto próximo (JESUS, 2006, p.80; LIMA, 2005, p.82)
4) Construções com pronome na forma reta em posição de objeto: <i>deixa eu ir/chama ele</i> (SCHERRE et al., 2000a; SCHERRE, 2004, p.242; SAMPAIO, 2001, p.88, 113; LIMA, 2005, p.78; JESUS, 2006, p.94)	4) Construções com pronome na forma oblíqua em posição de objeto: <i>deixe-me ir/chame-o/aproxime-se</i> (SCHERRE et al., 2000; SCHERRE, 2004, p.242; LIMA, 2005, p.78)
5) paradigmas irregulares com posição menos marcada: dá/dê; vai/vá; vem/venha; põe/ponha (SCHERRE, 2004, p.249) ou verbos específicos: <i>deixar</i> e <i>dar</i> (JESUS, 2006, p.107);	5) paradigmas irregulares com posição mais marcada: <i>faz/faça, diz/diga; sé/seja</i> (SCHERRE, 2004, p.249; LIMA, 2005, p.71; JESUS, 2006, p.107) e paradigmas regulares mais marcados (de 2ª e 3ª conjugações): <i>esquece/esqueça; sobel/suba; come/coma</i> (SCHERRE, 2004, p.249)
6) Verbos de até duas sílabas: <i>dar, ir, vir, ter, por, olhar, deixar, falar, ficar, abrir</i> (SCHERRE, 2004, p.247; 251; LIMA, 2005, p.66)	6) Verbos de mais de duas sílabas: <i>esperar, apertar, perguntar, desculpar, respirar, imaginar, aproveitar</i> (SCHERRE, 2004, p.251; LIMA, 2005, p.66)
7) Verbos regulares da primeira conjugação com vogal precedente aberta: fala/ olha/ espera (SCHERRE et al., 1998, p.67; SCHERRE, 2004, p.249; LIMA, 2005, p.71)	7) Verbos regulares da primeira conjugação com vogal precedente fechada: use/ abuse/ imagine (Scherre et al., 1998, p.67; Scherre, 2004, p.249; Lima, 2005, p.71)
8) Formas verbais em série precedidas de formas associadas ao indicativo (<i>deixa/recebe/abre/dá/diz/vai</i>) (SAMPALIO, 2001, p.88; LIMA, 2005, p.75; JESUS, 2006, p.97)	8) Formas verbais em série precedidas de formas associadas ao subjuntivo (<i>deixe/receba/abra/dê/diga/vá</i>) (SAMPALIO, 2001, p.88; LIMA, 2005, p.75; JESUS, 2006, p.97)
9) Falantes mais jovens (SCHERRE et al.; 2000b; SAMPAIO, 2001, p.102,121; LIMA, 2005, p.59)	9) Falantes menos jovens (SCHERRE et al.; 2000b; SAMPAIO, 2001, p.102,121; LIMA, 2005, p.59)
10) No Rio de Janeiro, falantes menos escolarizados; em Salvador e Recife, falantes mais escolarizados (SAMPALIO, 2001, p.104,119; ALVES; ALVES, 2001, p.41; JESUS, 2006, p.65)	10) No Rio de Janeiro, falantes mais escolarizados. Em Salvador Recife, falantes menos escolarizados (SAMPALIO, 2001, p.104,119; ALVES; ALVES, 2001, p.38-40; JESUS, 2006, p.65)

Quadro 5: Tendências gerais de favorecimento relativo das duas variantes do imperativo singular em termos de grandes oposições

Os efeitos acima foram sintetizados a partir de dados da língua falada (mesmo que, em alguns casos, pudesse ter sido previamente escrita), mas há também diversos trabalhos com dados da escrita que revelam efeitos parcialmente semelhantes e igualmente interessantes.

Cardoso (2004), por exemplo, analisou dados da obra de J. J. Veiga, um escritor goiano, advogado da região Centro-Oeste, que não reflete em sua obra o uso do imperativo da região, embora muito outros escritores reflitam a realidade local. J. J. Veiga usa um percentual de 24% de imperativo associado ao subjuntivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*), percentual semelhante ao encontrado para a fala de Salvador, enquanto trabalhos representativos da fala da região Centro-Oeste revelam índices acima de 90% de imperativo na forma associada ao indicativo, como já demonstramos (ver Gráfico 1).

Cardoso (2004, p.75) observa, todavia, que, em dados de dupla negação ou com negação pós-verbal, J. J. Veiga utiliza, sim, formas imperativas mais parecidas com a realidade da região, a saber, formas associadas ao indicativo (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*). Cardoso (2004, p.74-87), retomada por Cardoso (2007), apresenta extensa discussão a respeito do tema, na linha de processos de mitigação e da correlação entre a possibilidade de negar o imperativo considerado próprio (ou verdadeiro) e as estratégias de negação.

Dados com dupla negação são de ocorrência extremamente baixa, especialmente na fala de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste: *não fala de frescura não* (LIMA, 2005, p.81). Todavia, na fala de Recife, mesmo a negação pós-verbal e a dupla negação tendem a desfavorecer formas imperativas associadas ao indicativo: $1/8 = 17\%$ (JESUS, 2006, p.80). Este aspecto traz novamente à tona a questão das especificidades geográficas, que têm de estar na pauta dos que se envolverem com o tema aqui focalizado, seja em dados da fala seja em dados da escrita.

Temos nos dedicando à análise do imperativo em dados dos diálogos da escrita de revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica* desde 1998. Com relação ao efeito da polaridade da estrutura, encontramos resultados semelhantes aos obtidos por Cardoso (2004), que podem ser vistos na Tabela 1. A dupla negação nas revistas em questão, escritas na região Sudeste, embora com poucos dados, favorece nitidamente mais imperativo associado à forma indicativa (0,62) do que a negação pré-verbal (0,25).

Tabela 1: Efeito da polaridade da estrutura no uso do imperativo associado à forma indicativa em revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica* – dados das décadas de 70, 80, 90 e primeira década do século XXI - Contexto discursivo do pronome *você*

Fatores	Frequência da forma indicativa		Peso relativo dos fatores
Construções com dupla negação <i>Não estressa não, Pipinha!</i>	9/11	82%	0,62
Construções com negação pré-verbal <i>Da próxima vez não fale a verdade!</i> <i>Não deixem a uva cair! Lá vai!</i>	104/314	33%	0,25
Construções afirmativas <i>Faz de conta que você está andando pela rua...</i>	2.195/3.320	66%	0,53

As diversas pesquisas sobre o imperativo com dados da escrita, que se valeram da metodologia laboviana, tiveram seu início exatamente nas aulas de Sociolinguística do Português do Brasil ministradas nas salas de aula da UnB, sob a motivação do dever de casa apresentado no início deste texto. Não há espaço nem tempo suficiente para falar de todas elas neste texto. Por isso, remetemos o leitor interessado ao capítulo 4 de Scherre (2005, p.115-143), em que apresentamos alguns detalhes sobre as pesquisas com dados da escrita motivadas pelo já referido dever de casa. Para uma amostra do que tem sido observado na escrita, vamos, a seguir, tecer algumas considerações a respeito de alguns aspectos que julgamos mais relevantes, com base em algumas das pesquisas realizadas na UnB e em outras de outros pesquisadores fora da UnB.

Reis (2003, p.88-98,194) apresenta um estudo minucioso sobre os efeitos da dimensão estilística da variação no romance traduzido *Vinhas da Ira*, que tem sido considerado um documento lingüístico importante da fala gaúcha da época, 1939 (ver, também, o trabalho de Menon (2000), com base nessa mesma obra). Um dos pontos centrais do trabalho de Reis (2003) consiste em mostrar que, à época, a relação entre os interlocutores era representada nos diálogos e exercia influência sobre o tipo de variante imperativa utilizada, com destaque para o efeito da relação sociopessoal, favorecendo-se a forma associada ao indicativo em contextos da maior proximidade. Efeito semelhante foi encontrado por Fonseca (2003) na análise da variação do imperativo em obras de Ariano Suassuna, um escritor paraibano, radicado em Pernambuco. Novamente, contrastes e confluências geográficas podem ser vistos nestes dois trabalhos.

Outro ponto de destaque do trabalho de Reis (2003) é revelar a importância da obra traduzida como um reflexo da fala da comunidade ao redor, tendo em vista que Souza Dias (2001), com a análise de múltiplas versões da história infantil

Chapezinho Vermelho, e Oliveira (2003), com a análise de *tirinhas* publicadas em jornais, revelam que as obras ou as *tirinhas* traduzidas desfavorecem o imperativo brasileiro, a saber, o uso de formas imperativas associadas ao indicativo no contexto do pronome *você*. Borges (2004: 135), em análise detalhada e ampliada da variação do imperativo em *tirinhas* de jornais paulistas, corrobora os resultados obtidos por Souza Dias (2001) e por Oliveira (2003). Por todas as pesquisas que já tivemos oportunidade de orientar, de fazer e de ter acesso, verificamos, portanto, que o traço [+nativo] pode estar presente no uso do imperativo associado ao indicativo no contexto discursivo do pronome *você*. Tivemos a oportunidade de discutir essa questão com um trabalho apresentado em 2002, no NWAV (New Ways of Analyzing Variation) 31, intitulado "Vernacular features in written language: variable use of the imperative form in Brazilian Portuguese", quando discutimos esse fenômeno em função da variável personagem: personagens das revistas da *Turma da Mônica* que recebem marcas de oralidade em suas falas tendem a favorecer nitidamente imperativo na forma associada ao indicativo.

Uma forte diferença geográfica em termos mais gerais é apontada pelo trabalho de Sampaio (2004), com um estudo sobre a expressão do imperativo no português do século XVI ao século XX, em peças teatrais portuguesas e brasileiras. Entre os diversos aspectos interessantes deste trabalho, destaca-se o fato de que, da análise das peças teatrais cariocas e baianas da década de 50 do século XX, Sampaio (2004, p.172) observa na escrita contraste semelhante ao já observado por Sampaio (2001) para a fala do Rio de Janeiro e de Salvador, com predominância respectiva de imperativo associado à forma indicativa ou à forma subjuntiva.

Queremos aproveitar um pouco do espaço que nos resta para relatar outros aspectos importantes provenientes do trabalho com textos escritos feitos por nós e por outros pesquisadores. Já observamos que temos nos dedicado à análise sistemática e continuada do imperativo em dados de revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica*, dando continuidade aos trabalhos pioneiros de Barcellos e Marques (2000), Moreira (2000), Amoroso (2000); e Gomes, Amorim, Santos e Bezerra (2002). Estamos fazendo um estudo em tempo real com dados das décadas de 70, 80, 90 do século XX e primeira década do século XXI. Em recente trabalho apresentado no V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), em fevereiro de 2007, e em texto publicado eletronicamente pela UNICEUB de Brasília (ANDRADE; MELO; SCHERRE, 2007), evidenciamos que, a partir de 1983, há uma mudança clara de uso da forma imperativa nos diálogos das revistas analisadas, da forma associada ao subjuntivo para a forma associada ao indicativo, no contexto discursivo do pronome *você*. Os resultados podem ser vistos na Tabela 2.

Tabela 2: Aumento do imperativo associado à forma indicativa, em revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica* entre a década de 70 e a primeira década do século XXI

Ano ou período	Frequência de imperativo associado à forma indicativa (<i>deixa/recebe/abre/dá/diz/vai</i>)	Peso relativo dos fatores
1970 e 1971	11/162 = 7%	0,04
1983	15/84 = 18%	0,08
1985 a 1988	279/490 = 57%	0,37
1998 e 1999	361/637 = 57%	0,44
2001, 2002, 2004 e 2005	1.642/2.272 = 72%	0,62
Total	2.308/3.645 = 63%	

Entre 1983 e 1985, ocorre um salto da ordem de 39 pontos percentuais (e de 0,29 em termos de pesos relativos, que são frequências corrigidas). Outro salto, agora da ordem de 15 pontos percentuais (e de 0,15 em termos de pesos relativos), ocorre na virada do século. Durante o levantamento dos dados das 172 revistas que nos serviram de base para esta análise, nossas jovens pesquisadoras descobriram dois fatos históricos importantes.

Um deles foi a existência de uma carta da ABRALIN datada de março de 1985 admitindo o “personagem Chico Bento em seu corpo associativo, na qualidade de sócio honorário” por causa da ameaça do Conselho Nacional de Cultura de “proibir a publicação das revistas *Chico Bento*, sob alegação de que elas eram um péssimo exemplo para as nossas crianças, que poderiam imitar os personagens com traços lingüísticos rurais e de oralidade (presentes nas falas desses personagens) e, assim, falar “errado”, segundo o relato da professora Stella Maris Bortoni-Ricardo”. O outro fato foi a constatação de que o movimento das *Diretas Já!* ocorreu no intervalo de 1983 a 1985. Em face disso, em Andrade, Melo e Scherre (2007) levantamos a hipótese de que esses dois fatos históricos tenham influenciado o reflexo do vernáculo na escrita, abasileirando a expressão do imperativo gramatical na escrita dos diálogos das revistas.

Entende-se por abasileiramento do imperativo, nos termos de Paredes Silva et al. (2000), o uso de formas imperativas associadas ao indicativo (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) no contexto de uso do pronome *você*, que é, frisamos, o contexto das revistas da *Turma da Mônica*. Dos mais de 3.700 dados analisados (incluindo também os de natureza invariável), há exatos cinco casos de contexto do pronome *vós* (abaixo listados), em circunstâncias discursivas bem especiais, e nenhum caso de contexto do pronome *tu*:

- Ouçam só, amados reis... Ele uniu o nosso povo... Não vos PRECIPITEIS... Estamos em paz de novo! (Cebolinha, n.54, “Astronauta”, p.47)

- Ai, Senhor! DAI-ME paciência... (Magali, n.316, “Comendo Fora”, p.4)
- VALEI-ME! (Magali, n.316, “Comendo Fora”, p.8)
- AAAH!! ARREPENDEI-VOS!! (Cebolinha, n.196, “O paraíso astral”, p.19, out. 2002)
- ...E LIVRAI-NOS de todo o mal... (Magali n.349 “Igualzinha a tia Nena” p.3)

O brasileiroamento do imperativo é encontrado por Paredes Silva et al. (2000, p.121) na obra de Gastão Tojeiro por ocasião da Semana da Arte Moderna, em 1922. Silva (2002), em trabalho de final de curso da graduação na UnB, levanta a hipótese de que, independentemente de época, cada momento que envolve forte sentimento de nacionalidade pode provocar na escrita – uma instituição – o uso ou o aumento de formas vernáculas, em especial, diria eu, as que não envolvem estigma ou diferenças de classe social (SCHERRE, 2005, p.115-143). Aumento de imperativo associado ao indicativo também foi constatado na obra de Chico Buarque de Hollanda por Mattos e Wickert (2003) no período de 1969 a 1975. Segundo as autoras, “o ano de 1968 consta nas biografias do autor como uma espécie de divisor de águas, como sendo o ano em que Chico deixa de ser ‘o bom moço os olhos verdes’”: ruptura política provocando ruptura linguística.

É também a partir de 1983 que a forma considerada brasileira de usar o pronome reto na posição da forma oblíqua se observa nos dados que estamos analisando, com aumento constante de uso da forma do tipo *deixa/recebe/abre/dá/diz/vai* nesse contexto sintático até chegar a 100% nos dados do século XXI, como se pode ver nos resultados da Tabela 3. A mudança de posição e do efeito do clítico é outro aspecto também digno de nota: além de, relativamente, aumentar o número de próclises com o passar do tempo, as estruturas com próclise exibem também maior uso de formas imperativas associadas ao indicativo e as em ênclise, de forma oposta, revelam menor uso dessas formas (ver SAMPAIO, 2001 e SCHERRE, 2004 para mais discussão).

Tabela 3: Aumento do imperativo associado à forma indicativa em revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica* entre a década de 70 e a primeira década do século XXI em função do tipo e da posição do pronome com relação ao verbo

Ano ou período	<i>Me</i> depois do verbo	<i>Me</i> antes do verbo	<i>Eu/ele/nos</i> depois do verbo
	DEIXE-ME ver...!! DEIXA-ME ver	<i>Me</i> DEIXE, Mônica! <i>Me</i> DEIXA falar!	<i>Hum...</i> DEIXA eu ver... <i>Bem...</i> DEIXE eu ver...
1970 e 1971	0/20 = 0%	0/5 = 0%	Não há
1983	Não há	1/10 = 10%	0/1 = 0%
1985 a 1988	0/5 = 0%	12/25 = 48%	13/15 = 87%
1998 e 1999	0/6 = 0%	23/39 = 59%	22/23 = 96%
2001, 2002, 2004 e 2005	3/21 = 14%	70/116 = 60%	83/83 = 100%
Total	3/52 = 6%	106/195 = 54%	118/122 = 97%

Diversas outras variáveis lingüísticas estão sendo analisadas e um novo mergulho na história será feito a fim de que possamos levantar hipóteses para o salto de 15 pontos percentuais observado na virada do século.

Conclusão

Demonstramos de forma panorâmica que a expressão variável do imperativo no português brasileiro revela a riqueza natural dos mundos variáveis. O dever de casa de número 17, que gerou toda a pesquisa variacionista sobre o imperativo, é apenas um ponto no universo da variação lingüística. Ele reflete a expressão do imperativo na escrita de outro momento da língua portuguesa ou da língua portuguesa em Portugal. Dada a variação que se instalou no português brasileiro atual, seria mesmo difícil (ou quase impossível) o entendimento descontextualizado e pretensamente uniformizado da expressão do imperativo associada ao indicativo, especialmente para uma estudante brasileira com 12 anos de idade. Hoje consigo perceber porque à época eu não tinha clareza de que forma(s) imperativas(s) eu usava.

Em verdade, vinha à minha mente o subsistema lingüístico subjacente à minha fala, em que predomina o imperativo na forma associada ao indicativo, e um sistema de escrita não-dialógica, em que predominam formas imperativas associadas ao subjuntivo, como já tivemos oportunidade de discutir em outros textos (SCHERRE et al., 1998; SCHERRE, 2005, 2007) e como podemos ver em dois dados reproduzidos a seguir:

- *Corra, saltE, andE e deixE de fumar* (Expressão escrita sem presença de vocativo – *Correio Braziliense*, 25 jun. 1999. Mundo, Saúde)
- *DeixE para sexta, sábado e domingo o que você poderia fazer hoje* (Expressão escrita sem presença de vocativo – *Correio Braziliense*, 20 nov. 2003. Cidades, p.27)

No português brasileiro, parcialmente diferente do português europeu (SCHERRE, 2007), é o imperativo na forma associada ao subjuntivo que assegura inequivocamente uma leitura diretiva. Assim, na escrita não-dialógica, o imperativo associado à forma indicativa só tende a ocorrer com âncoras discursivas, que podem ser balões, vocativos, rimas e ícones, como se exemplifica a seguir.¹¹

¹¹ Não chegamos a fazer estudo quantitativo de dados de natureza não dialógica na escrita, tendo em vista a raridade das formas imperativas associadas ao indicativo, embora estejamos coletando todas as propagandas com este tipo de dado com que nos deparamos. Lima Hernandes et al. (2006) fizeram esta análise em cartas pessoais, bilhetes, mensagens eletrônicas e cartas comerciais em que encontraram, respectivamente, 94%; 89%; 93% e 100% de formas associadas ao subjuntivo, fato que revela a tendência que observamos em textos de natureza sem estrutura de diálogo explícito.



- *SAI DA FRENTE!* Motorista de Brasília está cada vez mais mal-humorado (Expressão escrita dentro do *balão* – *Correio Braziliense*, 7 jul. 2002)
- *OlhA* o Papai Noel, *Gente* (Expressão escrita com presença de vocativo – *Correio Braziliense*, 16 nov. 2003, Trabalho & formação profissional)
- *Vem pra Caixa você também, vem!* (Propaganda da Caixa Econômica Federal)
- *Faz um 21!* – (Propaganda da Embratel, com um gesto imitando um telefone)

Em síntese, a riqueza da variação, seja na pesquisa linguística seja na discussão consciente dos fatos linguísticos na escola, não pode ser ignorada nem temida. Ela precisa ser valorizada: faz parte do universo e, como todo e qualquer elemento do universo, está em contínua mudança.

Agradecimentos

A atividade de pesquisa que permitiu a produção do presente texto conta com o apoio do CNPq, por meio de uma bolsa de produtividade em pesquisa. Agradeço, portanto, a esse importante órgão de fomento à pesquisa. Agradeço especialmente a todos os alunos que, em maior ou menor grau, se envolveram com a atividade de pesquisa em minhas aulas, fato que permitiu o avanço do entendimento do uso do imperativo gramatical em português. Citei grande parte dos trabalhos feitos por eles, mas há outros ainda não explorados. Agradeço também à Carolina Queiroz Andrade e à Fernanda Gláucia de Moura Melo, jovens pesquisadoras de Iniciação Científica que atualmente têm me acompanhado com especial interesse e sagacidade. Agradeço ainda à Jane Adriana Castro pelo apoio incondicional com relação aos fatos do latim, por meio de diversas mensagens eletrônicas (e também pela correção de algumas partes de nosso texto); à Janete Garcia Melasso por ter me respondido prontamente nos corredores da UnB que o imperativo latino derivava do infinito; à Daisy Bárbara Cardoso Borges pela dupla leitura do texto e pelas observações pertinentes à redação deste texto; à Hebe de Macedo Carvalho e Norma da Silva Lopes pelos depoimentos precisos a respeito do uso ou do não uso do *tu* em João Pessoa e Fortaleza, por um lado, e Salvador, por outro; à Nívia Naves Garcia Lucca pela gentil cessão de textos importantes; à Luciana Marquez Cunha Muniz pela

preciosa revisão do *abstract*; e à Carolina Rodrigues Cardoso pela leitura atenta da versão final deste texto. Inconsistências e incongruências que permanecerem são, contudo, de minha inteira e total responsabilidade.

SCHERRE, M. M. P. Synchronic and diachronic aspects of grammatical imperative in Brazilian Portuguese. *Alfa*, São Paulo, v.51, n.1, p.189-222, 2007.

- *ABSTRACT: This paper presents the main fact that triggered variable studies of imperative forms in Brazilian Portuguese, shows the geographic dimensions of this variable phenomenon, discusses the relation between the imperative forms and other Portuguese and Latin verbal forms and summarizes the trend of variation and change in imperative forms in Brazilian Portuguese.*
- *KEYWORDS: Linguistic variation; grammatical imperative; Brazilian Portuguese; Latin imperative; tu/você usage.*

Referências Bibliográficas

ABREU, R. S. P. de. *Estudo da variação do modo imperativo em obras de Jorge Amado*. Brasília: UnB, 2003. Inédito.

ABREU, R. S. P. et al. *A variação do modo imperativo em crônicas em Tieta do Agreste*. Brasília: UnB, 2001. Inédito

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1992.

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática latina*. São Paulo: Saraiva, 1995.

ALVES, G. C. *Aspectos do uso do imperativo na linguagem oral do pessoense*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

ALVES, A. P. O.; ALVES, J. da S. *A expressão variável do imperativo singular na língua falada em Salvador*. Salvador: Faculdades Jorge Amado, 2005. Inédito.

AMOROSO, C. *Expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica (década de 80)*, 2000. Inédito.

ANDRADE, C. Q.; MELO, F. G. de; SCHERRE, M. M. P. História e variação lingüística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica. Finos Leitores: Jornal de Letras*, Brasília, v.3, n.1, 2007. Disponível em <<http://www.uniceub.br/periodicos/default.asp>>.

APARECIDA, M.; SILVA, M. *A variação do modo imperativo nas obras de Machado de Assis*. Brasília: UnB, 2002. Inédito.

- ARAÚJO, E. B. de. *A expressão do imperativo na literatura infanto-juvenil de Giselda Laporta Nicoletis*. Brasília: UnB, 2000. Inédito.
- BARCELLOS, R. M.; MARQUES, V. L. *A variação do modo imperativo em revistas em quadrinhos: Tio Patinhas e Pato Donald*. Brasília: UnB, 2000. Inédito.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Lucerna, 1999.
- BONFÁ, C. R. Z.; PINTO, I. A.; LUIZ, I. *Imperativo: uma comparação entre Lages e Florianópolis*. Florianópolis: UFSC/CEP, 1997. (Série de Estudos Diacrônicos). Inédito.
- BORGES, P. R. *Formas verbais imperativas em tiras de jornais paulistas*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Cambridge: MIT Press, 1960/2003. p.156-176.
- CAMPOS, E. F. *A variação do imperativo em revista de piadas*. Brasília: UnB, 2001. Inédito.
- CARDOSO, D. B. B. *Variação no uso do modo imperativo: análise de dados em textos de José J. Veiga*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- CARDOSO, D. B. B. *Variação e mudança linguística: gênero e identidade na expressão do imperativo gramatical no português brasileiro*. Brasília: UnB, 2007. Inédito.
- CARDOSO, D. B. B. O imperativo gramatical no português do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.14, n.2, p.317-240, jul./dez. 2006.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 34. ed. São Paulo: Nacional, 1991.
- COELHO, M. do S. V. *Uma abordagem variacionista do uso da forma você no Norte de Minas*. 1999. 95 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.
- DÍAS, E. P. *O uso do tu no português brasileiro falado*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- DÍAS, J. G. *Uso do modo imperativo no português do Brasil*. Relatório apresentado ao CNPq, Brasília, 1996. Inédito.

- DIAS, S. T. de. *A variação do modo imperativo em crônicas de Luís Fernando Veríssimo*. Brasília: UnB, 2000. Inédito.
- ELIA, S. *Preparação à lingüística românica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.
- FARACO, C. A. *The imperative sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion*. 1982. Thesis (PhD in Modern Languages) – University of Salford, Salford, 1982
- FARACO, C. A. Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.2, n.1, p.1-15, 1986.
- FARACO, C. A. O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica *Fragmenta*, Curitiba, v.13, p.51-82, 1996.
- FERREIRA, G. R. A.; ALVES, E. do N. *A expressão variável do imperativo no português da Brasil: língua falada da região Centro-Oeste e escrita quase falada nas salas de bate-papo da Internet*. Brasília: UnB, 2001. Inédito.
- FONSECA, L. C. A. *A expressão do imperativo na obra de Ariano Suassuna*. Brasília: UnB: 2003. Inédito.
- FREITAS, V. A. de L. *Um estudo sobre o uso do modo imperativo na linguagem oral do português do Brasil*. Brasília: UnB, 1994. Inédito.
- FURLAN, O. A. *Latim para o português: gramática, língua e literatura*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.
- GARCIA, J. M. *Introdução à teoria e prática do Latim*. Brasília: Editora da UnB, 2000.
- GOMES, C. S.; AMORIM, E. C.; SANTOS, M. de F. G. L. P. dos; BEZERRA, J. M. *Fatores de norma e uso na variação do imperativo em revistas da Turma da Mônica*. Brasília: UnB, 2002. Inédito.
- HAUSEN, T. A. P. Concordância verbal do pronome “tu” no interior do estado de Santa Catarina. 2000. 121 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.
- JESUS, E. T. de. *O uso do imperativo no português do Brasil: fala*. Brasília: UnB, 1996. Inédito.
- JESUS, E. T. de. *O Nordeste na mídia e os estereótipos: estudo do imperativo na novela Senhora do destino*. 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- JESUS, E. T. de; OLIVEIRA, H. R. de. *Pesquisa sobre a formação do imperativo no português do Brasil: fala e escrita*. Brasília: UnB, 1995. Inédito.

LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. 3. ed. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1975.

LEÃO, P. B.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. *Variação de “tu” e “você” no português falado no Sul do Brasil*. Disponível em <http://www.ufrgs/propesq/livro2/artigo_paula.htm>. Acesso em: 18 nov. 2003.

LEITE, J. S. *O fenômeno variacionista na formação do imperativo: linguagem oral*. Brasília: UnB, 1994. Inédito.

LIMA, D. P. S. *O uso do imperativo na fala de Campo Grande – MS*. 2005. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

LIMA HERNANDES, M. C. et al. *Modo imperativo gramatical em cartas brasileiras*. In: CASTILHO, A. T; OLIVEIRA, M. (Org.) Para a história do português brasileiro. (no prelo)

LOPES, C. R. dos S.; DUARTE, M. E. L. De *Vossa Mercê* a *você*: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S.; MOTA, M. A. (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p.61-76.

LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do Sul do Brasil*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, L. (Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul. 2004. 260 f. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LUCCA, N. *A expressão gramatical da 2ª pessoa do discurso em Minas Gerais: séculos XIX e XX*. Brasília: UnB, 2003. Inédito.

LUCCA, N. *A variação tu/você na fala brasiliense*. 2005. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

LUCCA, N. *O estatuto do tu no português do Brasil*. Comunicação apresentada no 5º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), Belo Horizonte: 2007.

MATTOS, A.; WICKERT, A. A variação de imperativo na obra de Chico Buarque de Hollanda. *Papéis: Revista de Letras*, v.7, n.esp., p.29-38, 2003.

MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

MENON, O. P. da S. *O imperativo no português do Brasil*. 1984. 91 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1984.

MENON, O. P. da S. Pronome de segunda pessoa no sul do Brasil: *tu, você, o senhor em Vinhas da ira. Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n.1, p.121-164, mar. 2000.

MODESTO, A. T. T. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu / você na cidade de Santos – SP*. 2006. 128 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MORAIS, R. D. *O uso e emprego dos imperativos 2*. Brasília: UnB, 1994. Inédito.

MOREIRA, A. S. *A variação do imperativo em revista em quadrinhos da Turma da Mônica e Walt Disney*. Brasília: UnB, 2000. Inédito.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.15-26.

OLIVEIRA, L. *Expressão gramatical do imperativo em tiras de jornal português*. Brasília: UnB, 2003. Inédito.

OLIVEIRA, L. A. F. de. *Tu e você no português afro-brasileiro*. Salvador: UFBA, 2005. Inédito.

OLIVEIRA, M. do C. *Estudo comparativo do uso do modo verbal em estruturas de complementação entre as regiões Sudeste e Nordeste*. Apresentação em mesa-redonda na 21ª Jornada Nacional de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE). João Pessoa, 2006.

PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p.160-169.

PAREDES SILVA, V. L.; SANTOS, G. M. dos; RIBEIRO, T. de O. Variação na 2ª Pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo. *Gragoatá, Rio de Janeiro*, v.9, p.115-123, 2000.

PEDROSA, J. L. R. Concordância verbal com o pronome 'tu' na fala pessoense. In: *CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 2.*, 1999, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, UFSC, 1999. 1 CD-ROM.

PINTZUK, S. *VARBRUL programs*. 1988. Inédito.

PITOMBO, E. *TU e VOCÊ no português da Bahia no século XIX: por uma linguística sócio-histórica*. 1998. Inédito.

- RAMOS, J. O uso das formas *você, ocê* e *cê* no dialeto mineiro. In: HORA, D. da. (Org.) *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p.43-60.
- REIS, M. S. dos. *Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística sob um olhar funcionalista*. 2003. 213 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 14. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1969.
- RODRIGUES, M. da S. *Estudo da formação do imperativo na linguagem oral e escrita*. Brasília: UnB, 1993. Inédito.
- ROMERO, R.; MATOS, P. *A variação das formas verbais imperativas em textos literários de João Ubaldo e Nelson Rodrigues*. Brasília: UnB, 2000. Inédito.
- SAMPAIO, D. A. *Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo*. 2001. 214 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- SAMPAIO, D. A. *A expressão do imperativo no português do século XVI ao século XX*. 2004. 273 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.
- SANKOFF, D. Sociolinguistics and syntactic variation. In: NEWMeyer, F. J. (Ed.) *Linguistics: the Cambridge survey*. New York: Cambridge University Press, 1988a. v.4, p.141-60.
- SANKOFF, D. Variable rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J. (Ed.) *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. Berlin: Walter de Gruyter. 1988b. p. 984-98.
- SCHERRE, M. M. P. Norma e uso: o imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (Org.) *O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual*. Madrid: Iberoamericana, 2004. p.231-260.
- SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.
- SCHERRE, M. M. P. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança lingüística na escrita de revistas em quadrinhos. 2007. In: VOTRE, S. J.; RONCARATI, C. (Org.) *Estudos de sociolingüística no Brasil: em Homenagem a Anthony Julius Naro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

SCHERRE, M. M. P. et al. Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese. In: PARADIS, C. et al. (Org.). *Papers in sociolinguistics*. N.WAVE-26 à l'Université Laval. Québec: Nota Bene, 1998. p. 63-72.

SCHERRE, M. M. P.; OLIVEIRA, H. R. de; FREITAS, V. A. de L.; JESUS, E. T.; DIAS, J. G. Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN), Forianópolis*, p.1333-1347, 2000a.

SCHERRE, M. M. P.; FREITAS, V. A. de L.; JESUS, E. T.; OLIVEIRA, H. R. de.; MORAIS, R. D. Restrições não-lingüísticas no uso variável do modo imperativo em português: um fenômeno em mudança lingüística? *Comunicação apresentada na 52ª Reunião Anual da SBPC*, Brasília, 2000b.

SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, D. B. B.; LUNGUINHO, M. V. da S. L.; SALLES, H. M. M. L. Reflexões sobre o imperativo em português. In: RODRIGUES, C. SCHER, A. P. Em homenagem à professora Lúcia Lobato. (no prelo)

SETTE, N. D. *Formas de tratamento no português coloquial*. 1980. 168 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1980.

SILVA, C. A. da. *O imperativo na língua falada na região centro-oeste*. Brasília: UNIP, 2003. Inédito

SILVA, M. N. *O imperativo no português do Brasil e a identidade nacional*. Brasília: UnB, 2002. Inédito.

SOARES, I. C. R.; LEAL, M. da G. F. Do *senhor* ao *tu*: uma conjugação em mudança. *Moara: Revista do curso de mestrado (UFGA)*, Belém, n.1, p.27-64, mar./set. 1993.

SOARES, M. E. S. *As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. 1980. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1980.

SOUSA, M. da C. O. S. *A variação da expressão do modo imperativo nos livros “a droga do amor” e “a droga da obediência” de Pedro Bandeira*. Brasília: UnB, 2000. Inédito.

SOUSA, P. R. *Variação do imperativo na música popular brasileira*. Brasília: UnB, 2001. Inédito.

SOUZA DIAS, A. C. *O imperativo em Chapeuzinho vermelho e em quadrinhos Disney*. Brasília: UnB, 2001. Inédito.

TRAJANO, E. S.; ROMERO, R. *A expressão do imperativo na obra de Carlos Drummond Andrade*. Brasília: UnB, 2001. Inédito.

WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKEK, Y. (Ed.) *Directions for historical linguistics: a Symposium*. Austin: University of Texas Press, p.55-195, 1968.

WIKIBOOKS. Latim: Apêndice: Conjugação verbal. Disponível em: <http://pt.wikibooks.org/wiki/Latim:_Ap%C3%AAndice:_Conjuga%C3%A7%C3%A3o_verbal>. Acesso em: 30 jul. 2007a.

WIKIBOOKS. Latim: Verbos: Infinitivo e Imperativo. Disponível em: <http://pt.wikibooks.org/wiki/Latim:_Verbos:_Infinitivo_e_Imperativo>. Acesso em: 30 jul. 2007b.